

ÉTICA, CIÊNCIA, PANDEMIA E SERVIÇO SOCIAL

Maria Alexandra da Silva Monteiro Mustafá¹

Resumo

Esse artigo é uma reflexão sobre a relação entre ética e ciência, que se evidenciou como desafio para o Serviço Social mundial e para a sociedade, diante do fenômeno da Pandemia de Covid-19. Apresenta indícios históricos da discussão sobre essa relação na antiguidade, época medieval e modernidade e conclui que se torna imperativo para os e as assistentes sociais, de agora em diante, dar centralidade à questão ética e científica diante da ameaça conservadora e pós-moderna de a-cientificidade e relativismo.

Palavras-chave: Ética, Ciência, Pandemia, Serviço Social

Abstract

This article is a reflection on the relationship between ethics and science, which emerged as a challenge for the world Social Work and for society, given the phenomenon of the Covid-19 Pandemic. It presents historical evidence of the discussion on this relationship in antiquity, medieval times and modernity and concludes that it is imperative for social workers, from now on, to give centrality to the ethical and scientific question in the face of the conservative and post-modern threat of a-scientificity and relativism.

Keywords: Ethics, Science, Pandemic, Social Work

INTRODUÇÃO

O fenômeno da pandemia Covid-19 suscitou inúmeras pesquisas no campo da saúde, mas também nas áreas das ciências sociais e, em particular, do Serviço Social.

Esse artigo, em grande parte, foi motivado por um ambiente no qual estou coordenando uma pesquisa internacional, envolvendo pesquisadores do Brasil, Argentina, Itália, Espanha, Suécia e França, intitulada “Teoria e Prática do Serviço Social no mundo em tempos de Pandemia”, que tem como objetivo a identificação e análise do processo de tomada de consciência da gravidade da situação pandêmica, assim como da capacidade de resposta das e dos assistentes sociais que estiveram na linha de frente do enfrentamento à pandemia, para subsidiar possíveis práticas e acréscimos à formação profissional em Serviço Social, no que se refere à criação de disciplinas e cursos voltados para a atuação em situações de calamidades ou pandemias.

¹ Assistente Social e Mestre em Serviço Social pela UFPE, Doutora em Filosofia pela Università Salesiana di Roma, Professora dos cursos de graduação e Pós-graduação em Serviço Social da UFPE, Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Ética – GEPE; Membro da diretoria da Associação Internacional de Escolas de Serviço Social – IASSW-AIETS. ORCID – 0000-0002-9011-6597. E-mail: ethisophias@gmail.com.

Para viabilizar a pesquisa, no Brasil, utilizando os mais avançados instrumentos telemáticos disponíveis, criei o Programa “Crivando a Pandemia”, disponível no YouTube², no qual, até o momento presente, foram entrevistadas 45 assistentes sociais de vários espaços sócio-ocupacionais, que relataram suas experiências no processo de tomada de consciência e do papel que o Serviço Social desenvolveu no âmbito do combate à pandemia.

A análise das entrevistas tem revelado que um dos aspectos determinantes para o tardio processo de tomada de consciência da população brasileira (que se deu especialmente em março de 2020, com o decreto governamental que instituiu o lockdown em todas as instituições de trabalho, quando o surto virótico já tinha se iniciado em dezembro de 2019 na China), tem sido exatamente a veiculação de notícias não fundamentadas na ciência, mas em opiniões desinformadas, através da mídia televisiva e das mídias da informática, tais como as Fake News.

No bojo dessas preocupações, emergem hipóteses novas a respeito da necessidade de uma nova elaboração das relações do Serviço Social com a ciência e com a ética e é disso que este artigo trata. A seguir, iremos apresentar os tópicos do mesmo na seguinte ordem: 1. A mídia enquanto fator de disseminação do senso comum e novas elaborações capciosas como as Fake News; 2. O profissional de Serviço Social lançado imediatamente no fulcro dos centros pandêmicos; 3. Ética e ciência: uma reflexão necessária; 4. O Serviço Social na encruzilhada entre duas batalhas: o enfrentamento da Covid-19 e a relação ética e ciência e, por fim, as Considerações Finais.

1. A mídia enquanto fator de disseminação do senso comum e novas elaborações capciosas como as Fake News

Em consonância com o que nos apresenta Mione Apolinário Sales, no livro *Mídia, questão social e serviço social* (2011), os meios de comunicação de massa passaram a se desenvolver em intrínseca conexão com o avanço tecnológico, inaugurado pela Revolução Industrial, no Século XIX, mas é nos Séculos XX e XXI que essa atuação marcada pela rapidez e regularidade de conteúdos, formatos e informações voltadas para um vasto público, em que se dá a junção de várias mídias (donde o termo *multimedia*),

² A Playlist dos Programas pode ser acessada através do link:
https://youtube.com/playlist?list=PLIVvO44LkOubgZrLSfK_AyjbqE-7s58D3

vai entrar para a história, através do computador, do telefone celular e por meio da TV digital.

Todavia, “a não democratização da informação situa-se no contexto de forte concentração do poder midiático nas mãos de cinco grupos empresariais que decidem o que 180 [hoje 200] milhões de pessoas irão ver e ouvir” (BOSCHETTI, 2011: 23). É assim que “tais meios [e grupos empresariais] irão fundar, [...] *formas de organizações* próprias, ao tempo em que serão capazes de interferir na autoimagem, ou seja, no imaginário e nas *representações* que a sociedade possui sobre si mesma” (SALES, 2011, p. 34).

Isso nos faz refletir sobre a relação entre ética e mídia e entre ética e ciência e na adversidade que a contrasta que é exatamente a formação de uma mentalidade anti-científica alicerçada na disseminação de formação de um senso comum, que passou a caracterizar também as notícias e informações veiculadas pelo governo brasileiro, especialmente pelas autoridades vinculadas ao Ministério da Saúde.

Sabemos que o “senso comum” foi objeto de estudo de autores como Gramsci e que as suas considerações e análises sobre este fenômeno continuam atualíssimas e, por esta razão servem de parâmetro para distinguir o que é pensamento científico, daquele que se fundamenta no senso comum:

a questão mais importante que diz respeito à ciência é aquela da existência objetiva da realidade. Para o senso comum, a questão não existe sequer: mas de que coisa é dada esta certeza do senso comum? Essencialmente da religião (ao menos das religiões ocidentais, especialmente do cristianismo): essa é, portanto, uma ideologia, a ideologia mais difundida e radicada. [...] O senso comum afirma a objetividade do real enquanto esta objetividade é criada por Deus, é, portanto, uma expressão da concepção do mundo religiosa [...]. Para o senso comum, é “verdade” que a terra é plana e o sol, com todo o firmamento lhe gira ao seu redor. [...] Buscar a realidade fora do homem parece um paradoxo, assim como para a religião é um paradoxo (pecado), buscá-la fora de Deus. (GRAMSCI, 1977, p. 466).

O incremento do processo de alienação, retroalimentado pela difusão intencional de ideias do senso comum, faz com que as informações veiculadas pela mídia “interajam com as diversas classes e grupos sociais existentes, atuando sobre a formação de *consciências coletivas*” (SALES, *ibidem*, p. 37).

A não eticidade da mídia e das autoridades governamentais reside, inicialmente, no fato essencial de não veiculação, isto é, de omissões sobre a avaliação científica do

que estava acontecendo na China: após a identificação do vírus SARS-CoV-2, em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, o foco considerado o lócus gerador do vírus mesmo – que foi o Mercado de frutos do mar – foi fechado imediatamente e todo o sistema de transporte público de Wuhan foi interrompido, especialmente pela previsão das comemorações do Ano Novo chinês. Cientistas se debruçaram em pesquisas para localizar o paciente zero e a fonte de contaminação, chegando à conclusão de tratar-se de morcegos que teriam como intermediário o pangolim e constatou-se ainda que tais pangolins teriam se introduzido no país de forma ilegal. Com o aumento acentuado dos casos de Covid – 19 (número aproximado de 140 pacientes), em 23 de janeiro de 2020 Wuhan e outras duas cidades adjacentes foram colocadas em quarentena. No dia seguinte, um relatório publicado no *The Lancet*³, indicou que a transmissão do vírus se dava de pessoa para pessoa e recomendou a utilização de equipamentos de proteção individual especialmente para profissionais de saúde, alertando também para o fato de tratar-se de uma situação com forte “potencial pandêmico”. Isto levou a OMS a declarar o coronavírus como uma emergência de saúde pública de âmbito internacional, o que já alertava para a gravidade e abrangência do mal, mas a notificação de que se tratava de uma “pandemia” foi divulgada pela OMS em 11 de março de 2020, quando 192 países já apresentavam fortes indícios de contágio e óbitos pela doença.

Diante de tais fatos, e da descrição cronológica em que se sucederam, é inadmissível que a mídia e as autoridades brasileiras veiculassem notícias aparentemente indiferentes à ameaça do vírus, tais como as que seguem, pois em 13 de janeiro já veiculava que:

[...] o elemento mais tranquilizador sobre esse surto seja que o novo vírus aparentemente não é transmitido de uma pessoa para outra. Caso fosse transmitido de pessoa para pessoa, provavelmente haveria casos envolvendo profissionais de saúde, por terem tido contato com pacientes doentes. Autoridades chinesas dizem, no entanto, que não há registro disso. (G1, 2020, online⁴)

O vírus pode agir de maneira diferente na China, no bioma, no ecossistema chinês em relação ao brasileiro, que é um país tropical, que está no verão, temos sol, temperatura elevada. Temos algumas perguntas sem respostas, mas

³ A notícia foi divulgada pela UOL sob o título **Coronavírus da China infectou em maioria pessoas que estavam bem de saúde** e pode ser acessada no link: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2020/01/24/coronavirus-da-china-infectou-em-maioria-pessoas-que-estavam-bem-de-saude.htm>.

⁴ NOVO vírus que causa doença pulmonar misteriosa gera temor na China, mas há motivo para preocupação? **G1** [online], Ciência e Saúde, BBC News, 13 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/01/13/novo-virus-que-cause-doenca-pulmonar-misteriosa-gera-temor-na-china-mas-ha-motivo-para-preocupacao.ghtml>.

o momento é de calma, tranquilidade, explicou. [...] *Preocupa sim o Carnaval. Nós temos centenas de navios que virão na nossa costa durante o Carnaval, temos voos internacionais. Não existe recomendação específica. A recomendação é lavar as mãos, fazer o máximo de higiene. Enfim, ter bom senso porque existe um vírus novo no mundo. Não tem como a gente parar a vida*, disse Mandetta. (UOL, 2020, online).

Se esse pronunciamento foi transmitido no dia 31 de janeiro de 2020, a Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020 declara “Emergência em Saúde Pública de importância Nacional” (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV)⁵.

Tais informações contraditórias deixaram a população confusa e sem uma referência segura para saber como se comportar diante deste fenômeno, considerando-se a iminência do Carnaval que, segundo o depoimento das assistentes sociais entrevistadas no Programa Crivando a Pandemia, teve efeito drástico no contágio e difusão do vírus, dado o seu potencial de contaminação tanto em função da aglomeração que suscita, quanto em função da atração que representa para turistas estrangeiros.

2. A(O) Profissional de Serviço Social lançado imediatamente no fulcro dos centros pandêmicos

Perceba-se que as (os) assistentes sociais, devido à própria formação que orienta para a prevenção diante de situações emergenciais e de risco, se pronunciaram no sentido da necessidade de fechamento dos aeroportos e portos para que se evitasse o contato de possíveis portadores do vírus, já que este já era um fato notório nos países europeus e na Ásia, com a população brasileira. Algumas assistentes sociais que atuam em hospitais de referência da cidade do Recife relataram que, após o Carnaval, o surto epidêmico ganhou uma proporção assustadora e que, a população, despreparada, vivenciou momentos de verdadeiro pânico, o que dificultou o trabalho dos profissionais de saúde e acirrou o sentimento de insegurança em relação às notícias veiculadas e às medidas governamentais adotadas.

A este ponto convém ressaltar como é nítido o limite entre ciência e senso comum e como a população brasileira, e também a mundial, foi vítima da desinformação ou da má informação que, por má fé e intencionalidade, ou por descaso, minimizou os cuidados

⁵ Diário Oficial da União. Publicado em: 04/02/2020, Edição: 24-A, Seção: 1 – Extra, Página: 1. Órgão: Ministério da Saúde/Gabinete do Ministro. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>

e advertências vindas da China e banalizou os riscos que culminaram com um montante de 610.224 mortes⁶ provocadas pela pandemia da Covid-19.

Isto nos faz refletir sobre a necessidade de se colocar em questão o significado mesmo de ciência e a urgência que temos, em tempos de pós-modernidade, em que o relativismo predomina o universo, inclusive de intelectuais e dos centros acadêmicos, produtores de conhecimento, como as universidades, de inaugurar uma reflexão sobre o que vem a ser a ciência e qual o divisor de águas com o senso comum, tão enaltecido vivamente e alimentado pelos meios de comunicação, chegando a confundir as mentes desavisadas, inclusive aquelas que deveriam ser as mais cultas, e desempenhar um papel protagonista na confiança na investigação científica, sem o recurso do filtro alienante difundido pelos noticiários de TV e pelas Fake News.

Neste sentido, teceremos aqui, algumas considerações sobre a tradição que alicerça o conceito mesmo de ciência, já na filosofia antiga, que é o alicerce da cultura ocidental e do debate que permeou durante séculos sobre a noção de ciência e senso comum, para ao fim, extrairmos as contribuições do pensamento materialista histórico dialético que representou um divisor de águas na compreensão do significado de ideologia, enquanto versão invertida da realidade que mistifica os fatos, atribuindo-lhes existência própria ou divina, subestimando a capacidade racional dos seres humanos em interpretar a realidade e atuar sobre ela de forma consciente e autônoma.

Tentaremos, também, apresentar os caminhos tortuosos pelos quais enveredaram noções de ciência na modernidade e no processo de formação da sociedade capitalista, mascarada por uma exigência de rigor metodológico que, em última instância, delineou a mais cruel justificativa teórica e moral do modo de produção capitalista, representado pelos teóricos do positivismo e do funcionalismo.

Estou convencida de que essa viagem pela história da humanidade, no que se refere ao conceito de ciência e, sobretudo à sua relação com a ética, pode contribuir com a formação de uma nova concepção de homem e de mundo que permita extrair do caldo cultural que nos antecedeu, elementos de reflexão e, sobretudo de ação, capazes de coadunar as mentes mais abertas à teoria crítica, na direção de uma formação, especialmente no âmbito do Serviço Social, que, partindo das experiências teóricas e práticas de assistentes sociais que vivenciaram o processo de combate à pandemia,

⁶ Informação obtida no site da Agência Brasil, disponível em < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-11/brasil-registra-188-mortes-por-covid-19-nesta-quinta-feira>>. Acesso em 14 nov. 2021.

formule disciplinas e conteúdos sistematizados na direção da real valorização da ciência e da ética, especialmente diante de situações de calamidade ou de pandemia.

3. Ética e Ciência: uma reflexão necessária

O debate que caracteriza a relação entre ética e ciência é tão antigo quanto a própria história da filosofia. O percurso percorrido no processo de construção do conhecimento acompanha necessariamente o processo de lutas e conflitos que marcaram a história da humanidade e representam a consciência mesma que os indivíduos e as classes construíram sob a forma de explicação de mundo e sobre as formas de relações com a natureza e entre os homens, que embasaram os diferentes modos de produção já existentes até hoje. No bojo deste debate, emerge a perspectiva do pensar sobre qual deve ser a melhor forma de nos relacionarmos com a natureza, consigo mesmo e com os outros homens que passou a orientar o “dever ser” da sociedade, em cada momento histórico. Convém ressaltar que esse “dever ser” comporta um conteúdo emerso na dinâmica dos interesses de classe, mas comporta, também, a concepção de um projeto de vida individual e coletivo que, muitas vezes, representa a negação do estado de coisas presente e se manifesta como guia para a definição de um novo modo de ser e de agir do homem no mundo. As grandes revoluções acontecidas até então são a expressão mais fidedigna do fato de que a insatisfação com as condições materiais e espirituais de vida geram movimentos sociais que podem transformar as estruturas sociais e criar novas mentalidades, capazes de remover culturas, costumes e princípios normativos e jurídicos dominantes que moldavam certos modos de ser e de viver.

Neste sentido, não podemos deixar de reconhecer que a produção de conhecimento, entendido aqui como ciência, é ao mesmo tempo expressão de um intercâmbio entre a atividade material dos homens, mas é também uma representação ideal daquilo que esses mesmos homens almejam como “dever ser” para a sociedade. Assim, há um fio condutor que estabelece a relação entre ciência e ética, na medida em que a ética se evidencia como pressuposto que pode orientar a ação concreta dos homens no processo prático de seu desenvolvimento moral e material.

Todavia, a produção de conhecimento, ou ciência, nem sempre é fiel e nem sempre corresponde a uma interpretação do real, pois este conhecimento está condicionado à consideração e à ordenação do material que, muitas vezes se apresenta como “um esquema com base no qual as épocas históricas passam a ser classificadas” (MARX, 2007,

p. 95). É partindo desta compreensão que, aqui, queremos evidenciar a existência de uma diferença entre “ciência” e “conhecimento falso da realidade”, assim como pontuar a relação que, do ponto de vista histórico, se estabeleceu entre ética e ciência. Tal como apresentado no pensamento marxiano, essa distinção se faz presente na concepção de ideologia, como “falseamento da realidade” e conhecimento científico, como aquele que, ao seguir um método rigoroso, como o materialismo histórico dialético, consegue identificar e explicar cientificamente os dados do real, de forma que, quem utiliza este método, consegue apresentar uma interpretação da realidade que desvenda as determinações e manifestações da realidade mesma. A concepção de ideologia, para Marx, se expressa como “visão distorcida ou invertida” da realidade e essa visão é resultante das formas em que se dá a relação dos indivíduos com a realidade mesma, mediada pelas informações que lhes são impostas enquanto representações e ideias, no intercâmbio das condições de vida e de trabalho que determinam a sua consciência:

A consciência não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente e o ser dos homens é o seu processo de vida real. Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico. (MARX, 2007, p. 94).

Se, por ética, entendemos “a disciplina que reflete filosoficamente sobre o agir do homem no mundo” (MUSTAFA, 2003, p. 59), temos que considerar que este agir é um agir correto se partir de princípios que se estabeleçam em uma visão de homem e de mundo que comporte a correspondência entre o que existe (real), a sua interpretação ou apreensão através do conhecimento científico e o projeto societário que orienta o agir histórico dos homens ao negar e visar a redefinição deste real quando ele se apresenta como insuficiente e incapaz de responder às necessidades humanas e desenvolver plenamente as potencialidades dos seres humanos.

Cabe à ética fazer a crítica do modo de produção capitalista e suscitar a discussão sobre a nova ordem societária que tenha como *télos* a felicidade, a humanização e a emancipação do ser social. [...] A discussão sobre a ética, no interior da profissão, está em sintonia com um movimento internacional em defesa da vida e da “melhor vida para o ser humano”. No entanto, vale ressaltar que este movimento se coloca em oposição à lógica mundial da globalização do capital, visto que esta ameaça vem da própria contradição entre capital e vida. Neste sentido, a ética é discutida por setores progressistas, mas é, também, tema de setores liberais que, numa tentativa de justificação da ordem burguesa, vulgarizam e banalizam o próprio significado de ética. (MUSTAFA, 2003, p. 62-65).

Nesse sentido, importa considerar que tudo aquilo que se apresente como conhecimento falso, distorcido, mistificado ou alienante desconstrói a possibilidade de uma relação ética entre os que produzem ciência e a sociedade no sentido mais amplo do termo. Trata-se, portanto, de evidenciar o princípio de “verdade”, não no seu sentido dogmático, mas no sentido de fidelidade entre o que se divulga como conhecimento sobre o real e a sua correspondência com o existente, propriamente dito. Qualquer distorção da compreensão, análise ou interpretação da realidade, na perspectiva de difusão de um conhecimento que tenha a intencionalidade de iludir ou ajustar uma determinada visão de homem e de mundo a interesses alheios ao princípio de verdade, para justificar determinadas condições de vida ou interesses classistas, deve ser descartada enquanto conhecimento científico e passar a ser vista como mera opinião ou ideologia e não como ciência.

A observação empírica tem de provar, em cada caso particular, empiricamente e sem nenhum tipo de mistificação ou especulação, a conexão entre a estrutura social e política e a produção. A estrutura social e o Estado provêm constantemente do processo de vida de indivíduos determinados, mas desses indivíduos não como podem aparecer na imaginação própria ou alheia, mas sim tal como *realmente* são, quer dizer, tal como atuam, como produzem materialmente e, portanto, tal como desenvolvem suas atividades sob determinados limites, pressupostos e condições materiais, independentes de seu arbítrio. (MARX, 2007, p.93).

Uma rápida passagem pela filosofia da ciência, vai nos mostrar claramente que estas considerações consistiram em preocupação dos filósofos desde a antiguidade grega e que ainda hoje orientam a distinção entre ciência e falsa ciência.

Essa correspondência entre conhecimento e objeto conhecido, isto é, entre ciência e realidade, já se encontravam em Platão e Aristóteles: no *Timeo* (45 c 90 c-d), Platão afirma que “conhecer significa tornar semelhante o pensante ao pensado” e Aristóteles, no *De Anima* (III, 7, 431 a 1), também reafirma essa correspondência quando diz que “o conhecimento em ato é idêntico com o objeto conhecido”.

Na *República*, “Platão parte do pressuposto de que o conhecimento é proporcional ao ser, de modo que só aquilo que é maximamente ser é perfeitamente cognoscível, ao passo que o não ser é absolutamente incognoscível” (REALE, 2017, p. 146). É claro que, sendo Platão um filósofo idealista, o “ser” está diretamente relacionado ao “mundo das Ideias”. Apesar disso, elementos estruturais da sua concepção de ciência podem ser resgatados para a construção de uma explicação condizente com realidades cientificamente acertadas se adequarmos a noção platônica de “ser” àquilo que realmente existe: no mundo material e no mundo cognitivo se pode ter elementos de partida para se

estruturar uma satisfatória concepção de ciência. É precisamente no conceito arbitrário, criado por Platão, de “mundo das Ideias que reside o “equivoco” (intencional⁷) que ele cometeu: o “ser” para Platão corresponde ao mundo não sensível, não material. O material é apenas uma reprodução decadente do mundo das Ideias, onde se encontra o Belo e o Bem. Todavia, o que nos interessa mais particularmente extrair do pensamento de Platão é a noção de que a ciência tem como objeto de estudo aquilo que “é” e, portanto, aquilo que “existe” e que a opinião se ocupa apenas da aparência, daquilo que “não é” e que não tem existência própria.

Os e as assistentes sociais têm que buscar aquilo que é, a respeito de cada um de seus objetos de estudo, e jamais se fixarem em seja lá qual for a opinião vinda do senso comum, para que sua atuação possa ser considerada de ótima qualidade.

No mais, Platão estabelece uma nítida distinção entre “opinião” (*doxa*) e “ciência” (*episteme*):

Platão especifica que tanto a opinião (*doxa*) como a ciência (*episteme*) têm cada uma dois graus: a opinião se divide em mera imaginação (*eikasía*) e em crença (*pistis*), ao passo que a ciência se divide em conhecimento mediano (*diánoia*) e em pura inteligência (*nóesis*). (REALE, 2017, p. 147).

Estabelecendo um paralelo com a concepção de ciência válida na modernidade, podemos concluir que a *doxa* ou opinião se refere ao mundo da imaginação e das crenças que, no dizer de Gramsci⁸ equivale ao “senso comum”, isto é, ao mundo das superstições, da mitologia e da religião e que a *episteme* ou ciência trata tanto do mundo que exige cálculos matemáticos e geométricos (como as ciências exatas), quanto das hipóteses que são os princípios básicos para as ciências sociais, humanas e da saúde. Ao mesmo tempo, Platão estabelece a relação sujeito-objeto na qual identifica que a *doxa* se ocupa do

⁷ É possível apreender a intencionalidade de Platão através dos “mitos” que ele constrói na tentativa de justificar as condições sociais, econômicas, políticas e culturais em que os homens se encontram no mundo sensível, já que ele os faz crer que tais condições foram previamente estabelecidas no mundo das Ideias, de acordo com as possibilidades de acesso à verdade e ao conhecimento que as almas tiveram. Se tais condições são pré-determinadas, se o conhecimento é um ato de anamnese ou recordação daquilo que se pôde vislumbrar no Iperurano, nada mais resta ao homem a não ser aceitar a sua condição e adequar-se a ela. Na *República*, sua formulação de “cidade ideal” revela esta hierarquização, previamente estabelecida, na medida em que propõe que os filósofos sejam os governantes, assessorados e mantidos pela força dos guardiões e que os trabalhadores manuais sejam obedientes e subjugados àqueles privilegiados em sabedoria e poder para governá-los.

⁸ Para Gramsci, “a filosofia é uma ordem intelectual, isto é, não pode ser nem a religião nem o senso comum. [...]. A filosofia é a crítica e a superação da religião e do senso comum e, em tal sentido, coincide com o ‘bom senso’ que se contrapõe ao senso comum”. (*Quaderni del Carcere*, II, XVIII).

desconhecido e a *episteme* daquilo que pode ser conhecido. Esta distinção reforça o que acabamos de pontuar pois tanto a religião, como as crenças, ou superstições, próprias da Imaginação se direcionam a investigar o impossível de ser alcançado com os olhos da ciência, ao passo que esta última se preocupa com aquilo que realmente tem sentido e significado para o mundo concreto real, portanto, existente:

Em síntese, em qualquer ótica que nos coloquemos, podemos dar por certo esse critério: só aquilo que é plenamente, é plenamente cognoscível, enquanto que aquilo que não é não pode em nenhum modo ser conhecido. [...] Assim, podemos dizer que a ciência seja, por sua natureza, finalizada àquilo que é, para conhecer como é o ser. (PLATÃO, *Repubblica*, V, 477 B).

Em continuidade à reflexão platônica sobre a relação que a ciência estabelece entre sujeito e objeto, Aristóteles vai criar uma classificação das ciências que variam de acordo com a capacidade humana de observar os objetos (*theoréo*) – ciências teoréticas; produzir os objetos (*poiéo*) – ciências poiéticas e de agir (*práxis*) moralmente e politicamente – ciências práticas. As ciências teoréticas visam o conhecimento dos objetos que não dependem do homem e compreendem a filosofia, a física e a matemática. As ciências poiéticas buscam o saber com o objetivo de fazer ou transformar objetos úteis e belos (aqui se encontram a arte e as técnicas). As ciências práticas buscam o saber como guia para a ação e a relação entre os homens (aqui se encontram a política e a ética).

Nesse contexto, nos interessa mais de perto as ciências práticas por focarem o estudo na relação entre os seres humanos já que: “as ações práticas do sujeito produzem efeitos sobre *outros sujeitos*” (STELLI, 2019: 8). Este é, portanto, o tema central de seu livro *Ética a Nicômaco*, no qual afirma:

A política é a ciência *arquitetônica* por excelência: ela tem de fato por objeto aquilo que é o *bem* para o homem e, mais precisamente, aquilo que constitui para o homem o *bem mais alto*; este bem é idêntico [...] para o indivíduo e para a cidade, mesmo se é mais belo e mais divino o bem de um povo e de uma cidade que o bem de um indivíduo singular (ARISTOTELE, *Ética Nicomachea*, VI, 5, 1140b 7).

Entendida dessa forma, “a política compreende duas ciências *subordinadas*: a *ética*, que é a ciência do bem para o homem entendido como indivíduo, e a *política*, propriamente dita, que é a ciência do bem para a cidade e compreende, por sua vez, a *nomotética* ou ciência da legislação e o estudo das constituições”. (STELLI, *ibidem*).

Neste sentido, existe um imbricado relacionamento entre ética e política (*stricto sensu*) que caracteriza toda a obra aristotélica como sendo uma busca de compreensão do ser humano, a partir daquilo que ele é, em essência, e daquilo que ele deve ser. O que o homem é, essencialmente, é um ser racional, daí porque o dever ser do homem consiste na sua realização desta parte racional da alma e aí reside a sua persistente busca de felicidade.

Esta visão teleológica – central na ética e na política aristotélica – é também central na sua compreensão de ciência, pois, para Aristóteles, ciência “não é apenas uma descrição de *fatos* (e uma formulação de leis), da qual estariam excluídos juízos de valor. [...] A descrição correta [...] pressupõe um *critério normativo* que oriente e guie a pesquisa: é preciso saber o tipo de vida *melhor*, e isso só é possível quando se sabe que coisa é o homem e qual é o seu *fim* específico, a sua essência”. (STELLI, 2019, p. 13).

A este ponto da reflexão, podemos constatar que Aristóteles conseguiu instituir uma verdadeira e própria conexão entre ética e ciência, na medida em que o objetivo final de uma coincide e se fundamenta no objetivo da outra: a felicidade e a busca do conhecimento como realização da essência humana, isto é, da sua e da nossa humanidade. Na realidade, nenhuma investigação científica pode ter sentido se não almejar a felicidade humana, na medida mesma em que esta cientificidade consiste em desenvolver a capacidade racional humana e direcioná-la para os fins da realização individual e coletiva, no sentido do atendimento das necessidades humanas e sociais e da realização da potencialidade intrínseca a cada indivíduo e à coletividade.

Marx intuiu este objetivo de Aristóteles, exatamente quando propôs a sua concepção de justiça e de sociedade futura:

Numa fase superior da sociedade comunista, quando tiver sido eliminada a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, a oposição entre trabalho intelectual e manual; quando o trabalho tiver deixado de ser mero meio de vida e tiver se tornado a primeira necessidade vital; quando, juntamente com o desenvolvimento multifacetado dos indivíduos, suas forças produtivas também tiverem crescido e todas as fontes de riqueza coletiva jorrarem em abundância, apenas então o estreito horizonte jurídico burguês poderá ser plenamente superado e a sociedade poderá escrever em sua bandeira: “De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades”. (MARX, 2012, p. 31-32).

Esta classificação das ciências vai ser influente e até mesmo determinante até os nossos dias, mas Marx soube sintetizá-la e utilizá-la no modo mais criativo e fiel ao que

ele entendeu como ciência ao formular os princípios do materialismo histórico dialético: para Marx, as ciências teóricas, isto é, a filosofia, no sentido mais puro, significa refletir sobre o real concreto e esse real concreto pressupõe a igual condição de estudo sobre os objetos, a saber, a natureza – como objeto dado -, o trabalho – como objeto que é extraído da produção humana -, e a práxis – como resultante das relações entre os seres humanos. Daí ele reformulou a perspectiva da economia política (que antes era uma ciência burguesa, voltada a sugerir ao patronato formas cruéis e lucrativas de extrair a força de trabalho dos proletários pauperizados), como ciência capilar que reúne tanto o estudo sobre a dimensão produtiva – o trabalho -, quanto propôs uma nova forma de organização social em que esta capacidade produtiva possa adquirir um novo formato, dissociado de seu aspecto alienante e possa servir como elemento de realização do ser humano na sociedade do trabalho livre, isto é, emancipada, tendo assim humanizado a economia política, direcionando-a para a abolição da perversa exploração de trabalhadores por patrões levianos.

Ao realizar a crítica ferrenha ao sistema hegeliano (que não passava de uma manipulação e distorção do conceito de razão, mistificando-a), Marx inaugurou uma nova era na relação entre ciência e ética, na medida em que instituiu, com aquilo, uma correção na elaboração teórica a respeito da apreensão e do entendimento do real que, com ele, passou a pressupor e conter, em si mesma, o germe da plausibilidade de um movimento (destruidor do velho e reconstrutor da nova sociedade que passou a ser considerado com o termo “revolucionário” que, conscientemente, eliminasse todos os pressupostos idealistas hegelianos, anteriormente instituídos e, despojando-se de todas as relações de produção e de intercâmbio precedentes, moldasse uma forma nova de sociabilidade na qual os indivíduos associados passassem a ser a nova forma de organização sob o critério econômico de uma outra produção material das condições dessa associação mesma. A isso ele deu o nome de comunismo (MARX, 2007, p. 67), que é uma palavra que carrega em si a ideia que o único humanismo real possível é aquele no qual todas as coisas sejam usadas em comum e para o bem comum.

A crítica ao idealismo alemão carregava consigo, dessa forma, toda a crítica ao idealismo até então existente (platônico, medieval, hegeliano), e a todas as formas de propriedade que tiveram materialidade desde a Antiguidade até a forma de propriedade moderna, caracterizada pelo modo de produção capitalista: a propriedade estatal ou comunal da Grécia e de Roma, “que resulta da unificação de mais de uma tribo numa

cidade por meio de contrato ou conquista, e na qual a escravidão continua a existir”; a propriedade feudal na qual “a estrutura hierárquica da posse da terra e a vassalagem armada ligada a essa estrutura davam à nobreza o poder sobre os servos da gleba” ou pequenos camponeses e que nas *cidades* se expressava como propriedade corporativa e de organização dos ofícios que desenvolvia a indústria artesanal, todos sob o domínio de um monarca que, no dizer de Marx, se constituía uma necessidade diante da “junção de grandes territórios em reinos feudais”, em que a nobreza se estabelecia como classe dominante. (MARX, 2007, p. 91-92). Portanto, a crítica ao idealismo abstrato da filosofia alemã, comportava a crítica ao idealismo platônico, ao idealismo medieval e ao idealismo dos modernos filósofos e economistas políticos da sociedade do capital que atuaram como verdadeiros e próprios “intelectuais orgânicos” das classes dominantes.

Até aqui, apresentamos a crítica ao platonismo, mas vale a pena tecer algumas considerações sobre o idealismo que se alastrou durante mais de mil anos na época medieval e ao idealismo que caracterizou tanto os ideólogos alemães, quanto àqueles que, revestidos de um aparente rigor metodológico, se perpetuaram como os inventores da nova ciência da sociologia e da economia política para salvaguardar as justificativas necessárias para a perpetuação das condições materiais e de existência que moldavam as relações sociais e de trabalho no sistema capitalista de produção, que não passavam de relações injustas, se olhadas por uma ética rigorosa e não compactuante com nenhum tipo de manipulação do homem pelo homem.

Na época medieval, a relação entre ética e ciência era alicerçada no domínio da teologia sobre a filosofia: o objetivo da escolástica era exatamente aquele de encontrar a verdade que padres e eclesiásticos consideravam como *já dada* pela revelação, não aquela de *buscar* a verdade, livre de empecilhos dogmáticos. Por isso extrai da tradição religiosa a *norma* da pesquisa e da tradição grega, especialmente de Platão e Aristóteles, os *instrumentos* e o *material* da especulação: “a filosofia, como tal, [para a escolástica] é apenas um meio: *ancilla theologiae*” (ABBAGNANO, 1995, p. 102). Neste sentido, é clássica a obra de Boezio, *De consolatione philosophiae*, na qual ele sustenta a ideia de que “a filosofia, ou amor pela sabedoria, pode ser considerada, indiferentemente, como alcance da sabedoria, a pesquisa sobre Deus ou o amor de Deus” (GILSON, 1994, p. 166). Boezio foi o precursor de muitos estudos implementados nessa época, por personagens

⁹ A Filosofia é serva da Teologia.

marcantes, que, na tentativa de imprimir um rigor científico às suas investigações teológicas, se limitaram a promover um debate no interior das universidades existentes, sobre a prova da existência de Deus. A esse respeito, vale considerar o destaque que obteve a Escolástica na Idade Média e seus proeminentes teólogos Anselmo d'Aosta (*Proslogion*), Pietro Lombardo (*Sentenze*) e Pietro Abelardo (*Sic et non*) e por fim Tomás de Aquino (*Summa Theologiae*), cujas obras acenderam um vivo interesse pela temática e que, em última instância, refletem a ratificação medieval de estrutura social e política teocrática e anti-filosófica (*stricto sensu*), atribuindo à filosofia a tarefa de fazer o homem adequar-se àquele mundo que, por sua vez, era entendido como “ordem necessária e perfeita na qual cada coisa tinha o seu lugar e a sua função e era mantida neste lugar e nesta função pela força infalível que determina e guia o mundo do alto” (ABBAGNANO, 1995, p. 103).

Revisitar Aristóteles, ainda na época medieval, foi de importância capital para abrir o leque a novas aquisições teóricas, metodológicas e éticas, mesmo que no âmbito da teologia. Tomás de Aquino teve destaque no flanco desta novidade que, na tentativa de responder aos questionamentos apresentados pelos pensadores árabes, redimensionou a própria teologia sem deixar de considerá-la superior à filosofia e imprimindo ao filósofo grego um caráter que permaneceu dominante até os séculos XIX e XX, através do neotomismo. Este caráter foi revestido de uma cristianização de Aristóteles, mesmo em se tratando de um pensador anterior ao cristianismo e questionador da noção platônica de mundo das Ideias, pois, para Aristóteles, as ideias não tinham existência real (ontológica), mas apenas existência lógica, isto é, eram entendidas como instrumentos de raciocínio que nós usamos para expressar aquilo que compreendemos.

Com efeito, o resgate do pensamento de Aristóteles redirecionou a marca metafísica e transcendental, indevida e desviante, predominante na idade média e contribuiu significativamente para a ruptura com o feudalismo, seja em termos de modo de produção, seja em termos das ideias que passaram a dar o tom de modernidade com o humanismo e, posteriormente com o iluminismo. O acesso aos textos originais da cultura clássica permitiu aos humanistas uma visibilidade da cultura antiga, em termos de literatura, filosofia e arte, que, pouco a pouco foi distanciando o pensamento moderno do aprisionamento teológico que mediava as interpretações de homem e de mundo e provocaram o movimento do Renascimento que se constituiu como uma explosão de riqueza de conteúdo que revolucionou o mundo da arte e da ciência nos primeiros séculos

da modernidade. No intermédio para o Iluminismo, o homem passa a ter centralidade na nova concepção de mundo, mesmo que esta centralidade seja direcionada para a formulação de direitos burgueses de cidadania que têm repercussão ainda hoje e representa um avanço social e político que desembocou na Revolução Francesa. Mas esta centralidade no homem não pode ser confundida com a centralidade que lhe era conferida pela tradição sofista que concebia o homem como “medida de todas as coisas”, particularmente defendida por Protágoras¹⁰ e que encontra eco no pós-modernismo para ratificar o relativismo característico que é uma de suas teses fundamentais.

Com o humanismo e com o iluminismo, novas perspectivas são construídas no campo da ética e da ciência. A centralidade no homem permitiu estabelecer novos parâmetros para o comportamento dos indivíduos e das sociedades, assim como libertou o pensamento das amarras da metafísica que, durante mais de mil anos, acorrentou a ciência, impedindo-a de ser um campo de descobertas sobre o existente, tanto no que se refere à natureza, quanto no que concerne às relações sociais e à possibilidade de criação de equipamentos técnicos que revelassem a capacidade humana de criar instrumentos de trabalho, culminando com a Revolução Industrial. Neste sentido, o processo de industrialização representou um avanço histórico jamais visto antes, reconhecido por Marx como um dos momentos privilegiados de inovação e criatividade, capazes de responder em grande medida às necessidades humanas. A crítica que pode ser feita à Revolução Industrial, portanto, são duas: 1. não diz respeito ao desenvolvimento da engenhosidade humana, mas à sua apropriação pela burguesia que transformou tais descobertas em elementos de escravização dos trabalhadores, imprimindo regimes trabalhistas insuportáveis e gerando assim o pauperismo e a miséria; 2. a tendência do industrialismo em destruir a natureza, gerando o esgotamento dos recursos disponíveis, fato esse ligado ao gerenciamento ganancioso que a burguesia faz da sociedade dominada por ela, que é irracional e cego.

¹⁰ Para o sofista Protágoras, afirmar que o homem é a medida de todas as coisas correspondia a reconhecer em cada um o ponto de vista que lhe parecia ser verdadeiro ao analisar determinado fenômeno ou objeto. Neste sentido, Protágoras ignorava o fato de que para ser realmente conhecido, o objeto ou fenômeno deve ser analisado de todos os pontos de vista – este é o princípio da ciência -, pois os pontos de vista individuais podem representar apenas um aspecto daquilo que, posteriormente, foi chamado de “verdade” para os cientistas. A totalidade é o critério fundamental de ser perseguido, quando se trata de método científico e este critério nos foi apresentado pelo materialismo histórico dialético. Portanto, ao se referenciar nos sofistas e querer fazer valer o relativismo como critério de cientificidade é o erro mais evidente dos pós-modernistas.

Em outras palavras, podemos dizer que a Revolução Industrial trouxe um grande desenvolvimento das forças produtivas e isso aponta para o desenvolvimento material e intelectual dos seres humanos que, não fosse o seu aprisionamento pelo modo de produção capitalista, teria alçado a humanidade a um altíssimo nível de eticidade e cientificidade. Mas o fato é que este nível ainda está por vir e uma visão realista dos acontecimentos nos faz perceber que a questão social emergente com o capitalismo reclamou a formulação de questões éticas naquilo que se expressava como desenvolvimento científico, seja nas ciências exatas e físicas, seja na tecnologia, seja nas ciências sociais que passaram a apresentar novas e nem sempre verdadeiras concepções de mundo e de realidade.

É aqui que cabe também a crítica bem fundada do materialismo histórico ao positivismo comtiano e ao funcionalismo durkheimiano, bem como aos economistas políticos, dentre eles, David Ricardo e filósofos como Adam Smith e Stuart Mill, que atuaram como intelectuais orgânicos da burguesia e que construíram verdadeiros e próprios manuais de metodologia “científica” para assegurar o nível de cientificidade a leituras de realidade que, em última instância, não passavam de visões distorcidas, falseadoras do real e, portanto, ideologia para justificar o estado de coisas que se impunha com toda a sua força.

4. O Serviço Social na encruzilhada entre duas batalhas: o enfrentamento da Covid-19 e a relação ética e ciência

Tendo feito um estudo sintético sobre o conceito de ciência, na história da filosofia e apontado as primeiras questões que interessam aos(as) assistentes sociais, percebamos agora como o advento da Covid-19, não só coloca o termo ciência de volta ao debate acadêmico, como também o transforma num termo de importância central e irrenunciável para que se consiga dar, abalizados e autênticos subsídios, para o “dever ser” da vida em sociedade daqui para a frente, coisa essa indispensável e imperativa para os(as) assistentes sociais.

O Serviço Social Latino-americano (incluindo-se aí o Brasil) é oficialmente concebido como

Profissão que se insere no âmbito das relações entre sujeitos sociais e entre estes e o Estado, nos diversos contextos histórico-sociais da atividade profissional. Desenvolve uma práxis social e um conjunto de ações

socioeducativas, que influi sobre a reprodução material e social da vida em uma perspectiva de transformação social voltada para a democracia e o confronto das desigualdades sociais, reforçando a autonomia, a participação e o exercício da cidadania na defesa e na conquista dos direitos humanos e da justiça social.¹¹

É de conhecimento geral que essa concepção comporta as três dimensões indissociáveis na profissão que são: ético-política, teórico-metodológica e técnico-operacional que têm como pilares de sustentação o projeto ético-político e a unidade entre teoria e prática. Tais elementos remetem necessariamente à exigência de uma relação entre ética e ciência, na medida em que o projeto ético-político da profissão se sustenta na perspectiva de uma transformação societária, isto é, na visão teleológica de formação de uma nova sociabilidade que supere o modo de produção capitalista e está alicerçada numa concepção crítica da realidade que requer o recurso constante da investigação científica, tanto na sua produção de conhecimento, quanto no exercício profissional.

Munidas destes fundamentos, as e os assistentes sociais que estiveram envolvidas diretamente no confronto provocado pela crise virótica de amplitude mundial, foram requisitadas e requisitados a utilizar todos os recursos existentes na sua formação e no acúmulo construído na sua prática profissional, para responder a demandas emergentes que se demonstraram extremamente desafiadoras, dado o clima de pânico que se gerou na população e acometeu as instituições onde atuam tais profissionais e, em função do descaso e do negacionismo que caracterizaram as ações governamentais brasileiras diante deste fenômeno.

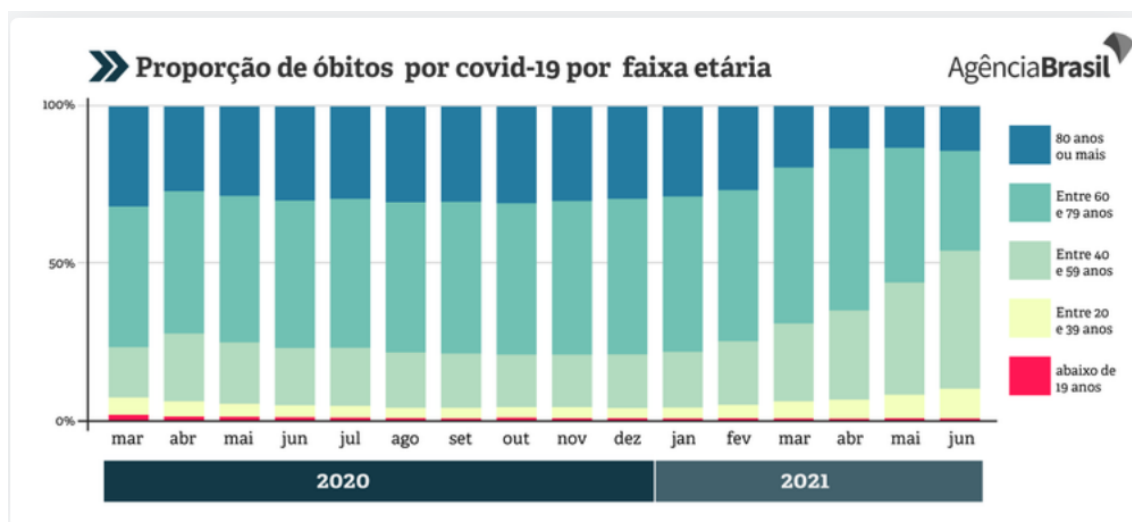
Demos uma focalizada, para início dos estudos, no que nos apresenta o grupo Alerta (2021), segundo o qual, o dividendo de óbitos e de contágio da doença, evidenciado no Brasil, coloca o nosso país em destaque do ponto de vista negativo, e foram ocasionados pela falta de planejamento diante das respostas à pandemia que pode ser traduzido em quatro fatores:

- 1) a minimização da magnitude da pandemia e descrédito nas orientações científicas;

¹¹ Cfr.: COLACATS, ESTATUTO. Disponível in:
<http://www.cfess.org.br/arquivos/Colacats_estatuto.pdf>

- 2) adoção de um programa oficial para o “tratamento precoce”, enganoso e sem fundamentação científica;
- 3) políticas insuficientes e intermitentes de auxílio emergencial e para a expansão do sistema de saúde;
- 4) descontinuidades administrativas no Ministério da Saúde e inação de comitês de crise.

Uma análise particularizada do que se verificou na realidade brasileira, e que durante as entrevistas realizadas no citado Programa Crivando a Pandemia vem sendo ratificada, nos permite concluir que a fundamentação científica foi substituída pelo fundamentalismo religioso e que tal atitude revela uma intencionalidade por parte das autoridades governamentais em favorecer a disseminação do vírus o que, em última instância, levou ao agravamento do extermínio, em especial, do segmento idoso, em detrimento e à completa desconsideração com aquilo que poderíamos chamar de atitude ética e científica. A mortalidade entre as pessoas idosas, no início da pandemia, chegou a atingir os índices de 70% a 80%. Com a distribuição das doses da vacina, este índice diminuiu sensivelmente, conforme se pode constatar através da análise do gráfico a seguir, divulgado a partir de estudos feitos pela Agência Brasil:



Fonte: Agência Brasil¹²

¹² Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-06/menos-mortes-de-idosos-por-covid-19-indicam-avanco-de-vacina#>>. Acesso: 15 nov. 2021.

Tudo isso nos leva a hipotetizar que o atual governo brasileiro possa ter privilegiado a economia em detrimento da saúde pública e, conforme depoimento de Luana Andrade Coêlho, temos que:

em relação às determinações sociais que influenciam o avanço da pandemia no mundo, destaca-se que a prioridade dada à economia, a fragilização dos sistemas públicos de saúde e os diferentes impactos que a doença gera em determinadas classes sociais são alguns aspectos que trazem para reflexão (ANDRADE et al, 2021, p. 155-156),

As consequências desta opção do governo podem ser traduzidas nos seguintes resultados:

- crescimento vertiginoso das grandes fortunas e dos lucros da burguesia em decorrência da atuação dos Estados e da lógica ultraneoliberal¹³;
- aumento das desigualdades sociais, do pauperismo, retorno à condição de extrema pobreza dos segmentos mais vulnerabilizados da classe trabalhadora;
- perda imensurável de ¹⁴vidas, especialmente da população idosa – público mais atingido pelo vírus e pelas suas sequelas em decorrência da ação irresponsável tanto na prevenção, quanto no tratamento e enfrentamento do vírus, dos governos de extrema direita;
- ampliação do preconceito contra a pessoa idosa e disseminação de uma situação de pânico generalizado na população, em razão do desconhecimento da doença, estimulado tanto pelas gestões de extrema direita, quanto pela mídia;
- aumento do desemprego, em função da necessidade de isolamento social; precarização das condições de trabalho e criação da figura do “entregador autônomo” como alternativa à situação de desemprego e concomitante ausência de políticas sociais e assistenciais para assegurar o atendimento das necessidades básicas da população;
- ausência de condições de moradia e sanitárias para assegurar o distanciamento social e as medidas de proteção recomendadas pela OMS;
- disseminação do fanatismo religioso, dificultando a tomada de consciência da gravidade do vírus e da necessidade de um enfrentamento político aos governos de extrema direita.

Diante da crise sanitária, as assistentes sociais também lidaram com a crise econômica, social e política que se alastrou no país. Foram criadas estratégias, inspiradas

¹³ A esse respeito, convém consultar a seguinte reportagem: **Bancos recebem R\$ 1,2 trilhão do Banco Central mas só 4% disso vira aumento de empréstimos para pessoas e empresas**. Auditoria Cidadã da Dívida. 2020. Disponível em: <https://auditoriacidada.org.br/bancos-recebem-r-12-trilhao-do-banco-central-mas-so-4-disso-vira-aumento-de-emprestimos-para-pessoas-e-empresas/> Acesso em: 21-04-2021.

¹⁴ A esse respeito, consultar BARROS, Alerrandre. **Devido à pandemia, pelo menos 3 milhões de pessoas ficam sem trabalho no país**. Agência IBGE Notícias. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28613-em-quatro-meses-de-pandemia-3-milhoes-de-pessoas-ficam-sem-trabalho-no-pais>. Acesso em: 21-04-2021

no projeto ético-político da profissão e no acúmulo teórico-prático das profissionais. Dentre estas estratégias destaque-se:

- difusão do recurso da tecnologia informacional para possibilitar a continuidade da comunicação à distância, especialmente através de lives, reuniões midiáticas e acompanhamento personalizado de usuários, especialmente aqueles que vivenciaram situações de violência, necessidades de âmbito da saúde mental e orientação para acesso a benefícios como o auxílio emergencial;
- adoção do teletrabalho como recurso indispensável face à necessidade do isolamento social em todos os espaços sócio-ocupacionais;
- criação de momentos e grupos de estudo e de pesquisa para pensar alternativas novas que atendessem às necessidades emergentes;
- atendimento a novas demandas, antes não existentes, para os profissionais de Serviço Social, diante das situações criadas pela pandemia e por seus desdobramentos;
- ação pronta e imediata face às demandas emergentes, ocasionando a necessidade do uso da criatividade e de momentos de planejamento-ação, bem como do recurso a todo o acúmulo teórico-prático existente na profissão;
- utilização e ampliação do trabalho em rede para responder às necessidades da população usuária na sua totalidade de exigências, através de encaminhamentos a setores especializados;
- planejamento, execução e coordenação de ações de caráter preventivo junto a instituições e comunidades para evitar a transmissão do vírus, especialmente entre o público idoso como as ILPIs;
- articulação de equipes interdisciplinares para socialização das atribuições e competências do Serviço Social, promovendo um esclarecimento sobre o âmbito de atuação da profissão, para facilitar o andamento das ações de caráter social, especialmente nos ambientes da área da saúde;
- coordenação de ações emergenciais de caráter assistencial, para minimização dos impactos da pandemia, especialmente através da distribuição de cestas básicas e alimentos em função da ampliação da necessidade alimentar das famílias por conta do desemprego e da fome;
- desenvolvimento de um trabalho de educação popular junto às comunidades e suas lideranças para promover a informação e orientação necessárias sobre o vírus e formas de prevenção e tratamento, face à constante disseminação de desinformação e opiniões do senso comum, disseminadas pela mídia e pelas autoridades governamentais, bem como pelos adeptos ao fundamentalismo religioso que confundia as mentes e acrescia o sentimento de pânico ou de apatia no meio da população;
- articulação com as entidades representativas da categoria profissional, especialmente CRESS e CFESS para obter orientações coletivas, face ao surgimento de demandas colocadas ao Serviço Social, que não eram de sua competência, tal como a comunicação de óbitos nos hospitais e serviços de saúde e para se ter uma linha comum de atuação face às novas necessidades dos usuários e à emergência da situação pandêmica.

Todas essas ações exigiram uma atitude extremamente corajosa, racional, ética e científica dos profissionais de Serviço Social que, diante do pânico generalizado pelo caos causado pela pandemia em si e pelo mal gerenciamento das autoridades governamentais, assumiram o compromisso de defesa dos direitos dos usuários e de enfrentamento da calamidade com ações propositivas que requisitaram a calma indispensável para uma atuação competente e planejada.

Em síntese, podemos concluir que este protagonismo dos profissionais foi um fator revelador do compromisso ético e atitude científica, superando limites impostos pela própria situação e apresentando uma maturidade técnico-operativa de altíssimo nível. Esta experiência nos faz refletir que a formação profissional foi enriquecida, especialmente na criação de estratégias eficientes para dar respostas a situações jamais vivenciadas antes e que tais conteúdos devem ser sistematizados e acrescidos ao processo formativo mesmo, para que futuros assistentes sociais se apropriem desse acúmulo teórico e prático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todos os percalços, o Serviço Social ganhou visibilidade no contexto da sociedade brasileira e das demais profissões pela atuação eficiente e competente e pelo serviço prestado à população brasileira, de modo muito particular aos segmentos mais vulneráveis ao vírus que foram os idosos e a classe mais pauperizada. Muito se extraiu da experiência acumulada durante mais de um ano de lockdown e pânico generalizado, diante de uma ausência completa de planejamento governamental e de negacionismo que só acirrou a dimensão de senso comum e de anti-eticidade na população. Muita emoção, lágrimas, sentimento de dor, de medo e de perda foram vivenciados. Mas a coragem e o compromisso com a classe trabalhadora despertaram na categoria profissional a perspectiva da urgência de uma nova sociabilidade e lhe instigou a mergulhar concretamente no enfrentamento da pandemia. Novas tecnologias emergiram, particularmente as tecnologias informáticas, e se apresentaram como desafio e como alternativa viável diante da situação de isolamento social. Apesar de toda a crítica que tal prática suscita, evidenciamos que a apropriação das TICs também se apresentou como conquista na superação do distanciamento social a que todos nós fomos submetidos. Novas práticas profissionais foram incorporadas ao cotidiano dos profissionais, como o teletrabalho e ainda não sabemos as implicações e repercussões que isto representa para a categoria, considerando, como afirma Raichelis (2021), que

As metamorfoses no “mundo” do trabalho, incidem no mercado de trabalho do Serviço Social e no exercício profissional de assistentes sociais e demais profissionais, em uma contextualização de degradação do trabalho e precarização das condições em que ele é exercido, impactando não apenas as condições materiais dos sujeitos que vivem do trabalho, mas também suas sociabilidades individual e coletiva, considerando ainda a erosão dos sistemas públicos de proteção social, lugar institucional privilegiado onde operam os(as) trabalhadores(as) sociais. O ponto a ser destacado é que essa *nova-velha* morfologia do trabalho repercute e reconfigura o trabalho social de diferentes categorias profissionais, entre elas assistentes sociais, que têm nas políticas públicas sua mais ampla inserção. (RAICHELIS, 2021).

Assim, certamente, o capital tenderá a transformá-lo em mais uma forma de exploração da força de trabalho e de extração de mais valia, mas não podemos negar que a categoria profissional é capaz de repensar e reconfigurar este novo modo de atuar profissionalmente redirecionando-o para os fins de fortalecimento das lutas dos trabalhadores.

Por fim, resta-nos admitir que a ação dos e das assistentes sociais se consolidaram como conteúdo de uma práxis que soube enfrentar o senso comum, tanto no que se refere àquilo que lhes atingiu pessoalmente, enquanto membros da classe trabalhadora, quanto ao que corresponde à necessidade de criação de uma nova mentalidade por parte dos usuários e da população em geral, a partir de sua maturidade científica e ética que só confirmam a existência de uma intrínseca relação entre ética e ciência no interior da profissão, especialmente diante da pandemia de Covid-19.

Para fins de abordagem de uma perspectiva presente e futura, este artigo conclui que se coloca como imperativo para o Serviço Social o debruçar-se muito mais do que até o presente momento se fez e vem fazendo, sobre a centralidade da ética e da ciência, enquanto dimensões indispensáveis e indissociáveis, pois interligadas intrinsecamente sob o ponto de vista epistemológico, para alicerçar as investigações sobre a questão social e seus rebatimentos na realidade brasileira e mundial, tendo em vista que se faz urgente o combate ao conservadorismo e ao pós-modernismo no interior da profissão, que veiculam a a-cientificidade em favor do relativismo e da ideologia (em seu sentido forte) e que só uma atitude científica pode fazer retroceder esse novo, e recentemente incrementado, processo invasivo que ameaça tanto a formação quanto o exercício profissional. No bojo desse entendimento, é óbvio que precisamos considerar mais e mais, a ética e a ciência como pilares e sustentáculos de uma visão crítica e propositiva das e dos profissionais que trará como dividendos a certeza de que o rigor científico não

coincide com o formalismo metodológico, característico da chamada ciência burguesa, mas representa o rigor na formulação de hipóteses sobre a compreensão do real e a capacidade de apresentar alternativas válidas e plausíveis para o processo de transformação societária, objeto de estudo inadiável para quem se propõe à viabilização do Projeto Ético-político profissional. É mister que se dinamize a formação de novos grupos teóricos e práticos, voltados para os objetivos aqui indicados, e que, com os mesmos, se forme uma rede internacional de pesquisa-ação, unificando os profissionais de Serviço Social do mundo, nessa irrenunciável tarefa.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Storia della Filosofia: La Filosofia Medioevale**. Milano: TEA, 1995.

AGÊNCIA BRASIL. **Brasil registra 188 mortes por covid-19 nesta quinta-feira**. Disponível em < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-11/brasil-registra-188-mortes-por-covid-19-nesta-quinta-feira>>. Acesso em 14 nov. 2021.

_____. **Menos mortes de idosos por covid-19 indicam avanço de vacina**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-06/menos-mortes-de-idosos-por-covid-19-indicam-avanco-de-vacina#>>. Acesso: 15 nov. 2021.

ARISTOTELE. **L'Anima**. Milano: Bompiani, 2005.

_____. **Ética Nicomachea**. Milano: Bompiani, 2015.

AUDITORIA CIDADÃ DA DÍVIDA. **Bancos recebem R\$ 1,2 trilhão do Banco Central mas só 4% disso vira aumento de empréstimos para pessoas e empresas**. Auditoria Cidadã da Dívida. 2020. Disponível em: <<https://auditoriacidadada.org.br/bancos-recebem-r-12-trilhao-do-banco-central-mas-so-4-disso-vira-aumento-de-emprestimos-para-pessoas-e-empresas/>>. Acesso em: 21-04-2021.

BARROS, Alerrandre. **Devido à pandemia, pelo menos 3 milhões de pessoas ficam sem trabalho no país**. Agência IBGE Notícias. 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28613-em-quatro-meses-de-pandemia-3-milhoes-de-pessoas-ficam-sem-trabalho-no-pais>>. Acesso em: 21 abr 2021

BBC NEWS. Novo vírus que causa doença pulmonar misteriosa gera temor na China, mas há motivo para preocupação? **Ciência e Saúde**, 13 jan. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/01/13/novo-virus-que-causa-doenca-pulmonar-misteriosa-gera-temor-na-china-mas-ha-motivo-para-preocupacao.ghtml>>_. Acesso: 18 nov 2021.

BOSCHETTI, Ivanete. *Prefácio*. SALES, Mione A.; RUIZ, Jefferson (Orgs.). **Mídia, questão social e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2011.

COÊLHO, Luana et al. A atuação do serviço social no atendimento às pessoas idosas e a sua rede sociofamiliar no enfrentamento à pandemia de Covid-19. In: MUSTAFÁ, Ma. Alexandra (Org.). **Serviço Social e gerontologia: a proteção da pessoa idosa em tempos de pandemia**. Recife: UFPE, 2021, p. 153-172

COLACATS, ESTATUTO. Disponível in:
<http://www.cfess.org.br/arquivos/Colacats_estatuto.pdf>. Acesso: 15 nov 2021.

Coronavírus da China infectou em maioria pessoas que estavam bem de saúde...
Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2020/01/24/coronavirus-da-china-infectou-em-maioria-pessoas-que-estavam-bem-de-saude.htm>>. Acesso em: 14 nov 2021.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. **Portaria Nº 188, de 3 de Fevereiro de 2020**.
Publicado em: 04/02/2020, Edição: 24-A, Seção: 1 – Extra, Página: 1.
Órgão: Ministério da Saúde/Gabinete do Ministro. Disponível em:
<<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>>. Acesso: 18 nov 2021.

GILSON, Étienne. **La Filosofia nel Medioevo**. Firenze: La Nuova Italia, 1994.

GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del Carcere**. Torino: Einaudi, 1977.

MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Crítica do Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MUSTAFÁ, Maria Alexandra. Reflexões sobre o Projeto Ético-político Profissional do Serviço Social. In: GEPE. **Presença Ética**. Recife: Provisual, 2003.

PLATÃO. **Tutti gli Scritti**. (a cura di Giovanni Reale). Milano: Rusconi, 1994.

RAICHELIS, Raquel. O trabalho no fio da navalha: nova morfologia no Serviço Social em tempos de devastação e pandemia". In: **Serviço Social e Sociedade**. Nº 140, Jan-Apr 2021. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/MVGcWc6sHCP9wFM5GHrpwQR/>>. Acesso: 15 nov 2021.

REALE, Giovanni. **Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. Vol. 1, São Paulo: Paulus, 2017.

SALES, Mione A.; RUIZ, Jefferson (Orgs.). **Mídia, questão social e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2011.

STELLI, Giovanni. **Aristotele: La scienza della prassi**. Roma: Armando editore, 2019.